

O TEXTO EM SALA DE AULA: (RE) LEITURAS POSSÍVEIS

Francinilda Lucinda Dantas¹

francinildald@hotmail.com

Orientador: Dr Marcos Nonato Oliveira²

marcosnonato@uern.br

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN.

RESUMO

A prática de leitura deve ser concebida como um processo que envolve várias estratégias sobre o qual se tem várias concepções. Desse modo, o trabalho interventivo do educador nesse eixo, deve se pautar na estratégia que vise fazer da prática de leitura, como nos sugere Solé (1998), um “instrumento de aprendizagem, informação e deleite”, principalmente na escola, onde seu ensino deve considerar e se reger por tal constatação. Nosso trabalho está pautado em alguns dos conceitos que norteiam o desenvolvimento da prática de leitura e, com base e amparados neles, analisaremos as (re)leituras realizadas por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental acerca do Poema *Cidadezinha qualquer* de Carlos Drummond de Andrade. Nessa perspectiva, trabalhamos de modo a proporcionar ao aluno, as múltiplas leituras e, conseqüentemente, as várias formas de construção de sentidos de um texto, desde a leitura do texto verbal, visual, virtual e a releitura buscando estabelecer critérios de intertextualidade, refletindo sobre o desenvolvimento da leitura, escrita e reescrita textual e os processos envolvidos nessas atividades. Para tanto nos respaldamos nos estudos de Coracine (2005), Solé (1998), Antunes (2009), Cavalcante (2013), Koch; Bentes; Cavalcante (2008), Koch; Elias (2013) entre outros entre outros que muito contribuem com estudos na área de leitura, tão relevantes para a atuação pedagógica na contemporaneidade.

Palavras-Chaves: Prática de leitura, retextualização, intertextualidade.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Compreender o desenvolvimento da leitura e da escrita e os processos envolvidos nessa aquisição se fazem objetivos fundamentais no processo de ensino aprendizagem. Nessa perspectiva, faz-se necessário, dentro desse contexto, analisar as dificuldades advindas desse processo e sua influência na aquisição dessas competências de leitura e de escrita. Nosso

¹ Professora de Língua Portuguesa da rede pública de ensino. Aluna regularmente matriculada no Programa de Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS, do *Campus* Avançado Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM, Pau dos Ferros- RN, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN.

² Professor do Programa de Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS, do *Campus* Avançado Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN.

trabalho está pautado em alguns dos conceitos que norteiam essas práticas e, com base e amparados neles, analisaremos as (re)leituras realizadas por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental acerca do Poema “Cidadezinha qualquer” de Carlos Drummond de Andrade. Para tanto, nos pautamos nos estudos de Coracine (2005), Solé (1998), Antunes (2009), Cavalcante (2013), Koch; Bentes; Cavalcante (2008), Koch; Elias (2013) entre outros que muito contribuem com os estudos sobre a prática de leitura, tão relevante para a atuação pedagógica na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, trabalhamos de modo a proporcionar ao aluno, as múltiplas leituras e, conseqüentemente, as várias formas de construção de sentidos de um texto, desde a leitura do texto verbal, visual, virtual e a releitura buscando estabelecer critérios de intertextualidade. Neste trabalho apresentamos brevemente os pressupostos teóricos que nos serviram como base para o estudo e intervenção, em seguida ilustramos um recorte do *corpus* ao qual nos propusemos a fazer uma intervenção pedagógica, e, por fim, fazemos nossas considerações e elencamos as referências bibliográficas.

2 CONSTRUINDO E RECONSTRUINDO SENTIDOS

Coracini (2005), em seu texto “Concepções de leitura na (pós) modernidade” discorre a respeito do ato de ler: “O que significa ler? Sem buscar respostas formalizadas nas teorias sobre a leitura, Ler pode ser definido pelo olhar: perspectiva de quem olha, de quem lança um olhar sobre um objeto, sobre um texto, seja ele verbal ou não” (p. 19). Nota-se aqui que a autora não atribui o ato de ler à apenas o texto escrito, verbal, bem como explicita que o ato de ler depende também do olhar do leitor acerca do objeto lido. Com isso a autora inicia uma discussão acerca das concepções que norteiam a prática de leitura na Modernidade. De acordo com a mesma, essa leitura pode ser vista de duas maneiras: enquanto decodificação (descoberta do sentido) e enquanto interação (construção de sentido).

No primeiro caso, Coracini (2005) afirma que o leitor (no caso de artes pictóricas) é um verdadeiro expectador em busca do sentido que se encontra de maneira permanente no texto. Segundo essa concepção, as palavras carregam um significado que, independentemente de qualquer condição, está sempre ligado à mesma. Acredita-se aqui, na existência de uma essência da leitura, e cabe ao leitor buscá-la, resgatá-la, capturá-la, identificá-la. Uma vez acreditando na existência de uma essência do texto, aqui também, e principalmente, em descobrir ou desvendar a verdade, o sentido do texto, e é essa justamente a função do leitor: resgatar o significado impresso nos sinais gráficos ou pictóricos. De acordo com Coracini

(2005), essa perspectiva de leitura é costumeiramente relacionada ao estruturalismo, uma vez que o mesmo trata do texto como estrutura facilmente desmembrável em unidades menores que podem ser, por sua vez, observadas e estudadas em seu funcionamento, podendo ainda também serem recompostas de modo a reconstruir o texto (organismo animado ou inanimados).

Nessa concepção, fica de fora toda subjetividade, e, por sua vez, o sujeito do texto, uma vez que aqui o signo linguístico é considerado apenas como parte de uma estrutura maior e mais complexa (o texto), como puro instrumento de comunicação em que não há lugar (como já exposto) para a subjetividade.

No segundo caso, - leitura enquanto interação, - leva-se em conta, de modo explícito, a existência de dois sujeitos: autor e leitor, ambos presentes e ativos. Assim, de acordo com a autora, o leitor está de frente com o autor, seguido pistas e marcas deixadas por este último de suas intenções, (as quais denotam a sua autoria), para que ele (leitor) possa interagir com o texto para construir, acerca da mesma do(s) mesmo(s) sentido(s) possíveis. Sendo assim, neste caso, o autor é responsável pelo(s) sentido(s) construído(s) pelo leitor acerca do texto lido. Ele imprime conscientemente, neste último, marcas de suas intenções, que constituem-se nas pistas as quais o bom leitor irá seguir para extrair um ou mais sentidos acerca do texto lido. Nessa perspectiva de texto como interação, há ainda, segundo Coracini (2005), uma outra variante; na qual os seus adeptos defendem a ideia de que o autor perde sua autoridade acerca do texto, ou em outras palavras “morre”, em proveito de sua obra que permanece por si só. Neste caso, o(s) sentido(s) do texto será(ão) construído(s) unicamente pelo leitor.

Na leitura e produção de sentido de um texto, Koch e Elias (2013) destacam ser necessário que o leitor considere a materialidade linguística constitutiva do texto, o gênero textual, a tematização proposta no título, a data de publicação e o meio de veiculação. Para a concepção de contexto, as autoras destacam ser tudo aquilo que, de alguma forma, contribui para ou determina a construção de sentido e fazem uma explanação a esse respeito de acordo com sucessivas correntes de pensamento – a análise transfrástica, o pragmatismo, a teoria dos atos de fala e chegando ao contexto sociocognitivo. Koch e Elias (2013) enfatizam que o contexto é indispensável para a compreensão e construção da coerência textual, englobando não somente o contexto, mas também a situação de interação imediata, a situação mediata e o contexto cognitivo dos interlocutores. Sobre os objetivos de leitura, Solé (1998) discute sua importância para essa prática, enfocando, com base em Brown (1984), que os mesmos determinam a maneira em que um leitor se situa frente à leitura ora trabalhada, além de controlar a consecução do objetivo de compreensão do texto. Segundo a autora, os objetivos

do leitor com relação ao texto podem variar significativamente, e afirma também que haverá tanto objetivos de leitura como leitores, em que diferentes situações e momentos. Solé ainda destaca alguns objetivos de leitura: Ler para obter uma informação precisa, Ler para aprender, Ler por prazer, Ler para praticar a leitura em voz alta. Koch e Elias (2013) mencionam os objetivos de leitura, destacando-os como meio norteador do modo de leitura, em mãos ou menos tempo, com mais ou menos atenção ou com maior ou menor interação. Destacam ainda a leitura como produção de sentido, como ativação de conhecimento. Falam em pluralidade de leituras e sentidos e, em seguida, sempre ancorados em exemplos, mencionam os fatores de compreensão da leitura: autor/leitor, texto.

3 (Re) leituras possíveis de *Cidadezinha qualquer* de Carlos Drummond de Andrade

Conforme anteriormente citado, enfocamos em nosso trabalho as leituras possíveis com o poema *Cidadezinha qualquer*, de Carlos Drummond de Andrade. Assim sendo, partiremos para a análise de cada etapa do nosso trabalho. Optamos por utilizar as iniciais de nomes para os alunos, que concordaram em expor suas produções e imagens feitas durante o desenvolvimento das atividades nas turmas de 8º ano.

Na primeira etapa, os alunos se deteram a analisar o poema, atribuindo-lhe significado de acordo com suas compreensões e repertórios linguísticos:

(...) O poema “cidadezinha qualquer” cita características de uma cidade de interior onde predomina: humildes residências, uma lenta rotina, um lugar calmo e tranquilo e sem muitas movimentações.

Nos três primeiros versos o autor tenta representar que a poucas casas e grande abundancia de vegetação, a vida das mulheres dedicadas ao casamento, ao amor da família e ao trabalho domestico que por sua vez seria o pomar onde permanecem por horas cantando diversas canções.

Ao citar “Um homem vai devagar”, “um cachorro vai devagar”, “um burro vai devagar”, trata-se do dia-a-dia sem compromissos e sem correria como nas grandes cidades. Já no penúltimo verso Andrade tenta simplificar uma coisa muito típica das pequenas cidades que seria pessoas falando da vida alheia.

“Êta vida besta, meu Deus”, foi uma maneira de falar de uma vida sem animações e novidades, ou seja, que a vida naquele lugarzinho e sempre da mesma maneira, sem novas experiências.

(A.C. 8º ANO 02)

O aluno interpreta o poema, procurando estabelecer relações de sentido, através de seu conhecimento de mundo e do que extrai do próprio texto. Antunes (2009) destaca que o texto envolve uma teia de relações, de recursos e estratégias promovedoras de sua própria

construção, seus modos de sequenciação, que possibilitam seu desenvolvimento temático, sua relevância informativo-contextual, sua coesão e sua coerência. Assim sendo, na medida em que esse aluno interpreta um texto a partir do que depreende dele, aliado ao seu conhecimento enciclopédico, conseqüentemente constrói o seu sentido.

Antunes (2009) destaca ainda que cuidar da adequada organização dos constituintes lingüísticos do texto não é suficiente para a efetivação de uma interação verbal e, destacando o papel do interlocutor como sujeitos ativos na interação textual, a autora enfoca que menosprezar outras dimensões textuais poderá interferir negativamente a compreensão das legítimas condições da atividade comunicativa. É nessa perspectiva que propomos ao aluno leitor que transcenda os limites dos elementos visíveis na superfície do texto e amplie sua leitura a todos os elementos acerca do texto e determinantes de seu entendimento, de sua coerência. Assim, na medida em que esse aluno busca relacionar as informações explícitas e implícitas, nesse poema, à sua vivência enquanto leitor, seu conhecimento adquirido a partir de outras leituras, à possível intencionalidade do autor, ele (o aluno) transpõe os limites textuais caminhando para a efetiva construção do processo de leitura objetivado pelo educador. Propomos ao aluno atividades que o instigue a promover outras leituras e produções de sentidos de acordo com a intencionalidade, o público, o contexto de produção, com outros textos e com outras áreas de conhecimento.

Koch e Elias (2013) destacam a importância do contexto de produção e uso da escrita e leitura e sua inevitável interferência na produção de sentido dessas práticas. Segundo as autoras, no processo de leitura, o leitor aplica no texto, um modelo cognitivo baseado em conhecimentos armazenados na memória e complementam que para que ocorra a compreensão de um texto, os conhecimentos deste último e do leitor não têm que necessariamente coincidir, mas sim interagir. É importante lembrar também que as autoras enfatizam que o contexto é indispensável para a compreensão e construção da coerência textual, englobando não somente o contexto, mas também a situação de interação imediata, a situação mediata e o contexto cognitivo dos interlocutores. Koch e Elias (2012) enfocam que o contexto possibilita avaliar o que é adequado ou não do ponto de vista dos modelos interacionais, construídos culturalmente. Desse modo, o contexto de enunciação do poema, percebido pelo aluno-leitor lhe possibilita perceber e compreender a(s) intencionalidade(s) do poema.

Na perspectiva de promover o desenvolvimento/aperfeiçoamento da percepção e visibilidade textual do aluno, objetivamos ainda fazer com que ele busque construir relações

intertextuais sejam elas de aproximação por aspectos que se assemelham ou por aspectos que se opõem. Assim, surge, então, a segunda parte da atividade proposta:

Relação entre o poema “Cidadezinha Qualquer” de Carlos Drummond de Andrade e a letra da música Cidades e Lendas de Zé Ramalho

Diferenças:

- Na letra da música de Zé Ramalho, a cidade retratada é mais desenvolvida, pois é um local mais urbanizado, onde há favelas, torres e o mar. Já a cidadezinha retratada por Drummond é caracterizada pelo ambiente rural com poucas casas e muitas plantações.
- Na música de Zé Ramalho a cidade é mais movimentada e o trânsito bastante agitado, além do que os animais não podem andar nas ruas. Enquanto a cidade de Drummond a população é menor, o vilarejo é tranquilo, não há trânsito e os animais podem andar pela cidade.
- Na letra da música do cantor Zé Ramalho as pessoas costumam trabalhar com cargos mais formais como secretários, comerciantes, farmacêuticos, entre outros. Já na de Carlos Drummond, eles trabalham com a colheita e o plantio.

Semelhanças:

- Mesmo sendo mais desenvolvida, na cidade da canção de Zé Ramalho também há a pobreza, pois suas riquezas são investidas apenas em seu crescimento e não na qualidade de vida da população, gerando a pobreza, o que leva as pessoas a realizarem trabalhos desonestos como a prostituição, o tráfico de drogas, roubos, entre outros. Na cidade de Carlos Drummond também ocorre muita pobreza, as pessoas não tem meios de transportes para se locomover, por isso utilizam carroças movidas por burros, em algumas áreas não há iluminação etc. Essa situação leva muitas pessoas a migrarem para a cidade grande em busca de melhores condições de vida.
- Em ambas as cidades a população gosta de comentar sobre a vida alheia, o que provoca muitas mentiras e descontentamentos entre eles.

(A. B. 8º ANO 02)

Koch e Elias (2013) destacam ser importante considerar que, para a efetivação do processo de compreensão textual a partir do fator de intertextualidade, além do conhecimento do texto fonte, também se faz necessário considerar que a retomada do(s) texto(s) propicia a construção de novos sentidos, uma vez que estão inseridos em outra situação de comunicação, com outras configurações e objetivos. Desse modo, as autoras citam e explanam a intertextualidade explícita – quando há citação do texto fonte do intertexto – e intertextualidade implícita – sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto. No fragmento ora analisado por A.B., percebemos que há recorrência à intertextualidade implícita, pois parte da memória do aluno a ação de resgatar os trechos entre os textos que se assemelham ou se opõem. Koch e Elias (2012) atentam para o fato de que em nossa atividade de escrita, recorreremos constantemente a conhecimentos sobre coisas do mundo que se encontram armazenados em nossa memória, como um banco de dados, uma enciclopédia. Estes conhecimentos, armazenados e

constituídos de maneira personalizada, com base no que o leitor ouviu falar ou leu ou ainda em experiências diversas por ele vivenciadas, são automaticamente ativados no momento em que ele se depara com uma situação que o instiga a resgatar esses conhecimentos. É também nessa perspectiva que nosso trabalho se pauta, em fazer com que o aluno resgate essa vivência leitora e promova a construção de sentido do texto a partir de analogias, aproximações por aspectos que se equiparam ou se contrastam.

Chegamos a um momento de nosso trabalho em que objetivamos fazer com que o aluno estabeleça relações comparativas entre a cidadezinha de Carlos Drummond de Andrade e a cidade de São Miguel, no tempo passado e atual, dando continuidade ao processo de percepção intertextual:

Comparação da cidade de São Miguel antigamente com o poema “Cidadezinha Qualquer” de Carlos Drummond de Andrade

Diferenças:

- Na cidade de São Miguel antigamente não era muito realizado o plantio dentro da cidade, diferentemente do poema, onde plantio era constante no interior do vilarejo.
- As pessoas em São Miguel não agiam de maneira tão calma como na cidade retratada por Drummond. Eram um pouco mais agitadas.

Semelhanças:

- Como no poema a cidade de São Miguel antigamente não possuía tecnologia, como a televisão, o fogão a gás, a geladeira, computador e etc.
- Assim como na cidade de Drummond não havia meios de transportes em São Miguel às pessoas se locomoviam por meio de cavalos, burros, carroças e outros.
- Atualmente a população de São Miguel tem crescido, mais antigamente existiam poucos habitantes assim como na cidadezinha de Carlos Drummond de Andrade.
- A cidade de São Miguel também era muito pequena, com poucas ruas e construções, como no poema.

Comparação do poema “Cidadezinha Qualquer” de Carlos Drummond de Andrade com a cidade de São Miguel hoje

Diferenças:

- Na cidade de São Miguel hoje, a população cresceu e o trânsito é mais agitado e muito barulhento, diferentemente da cidade retratada no poema, pois lá não existiam carros, motos, ônibus, entre outros, eles se locomoviam por meio de carroças, burros, bicicletas e etc.
- Hoje em São Miguel quase ninguém realiza o plantio é mais comum o trabalho com o comércio, o doméstico, nas áreas da saúde, direito e economia, já na cidade de Carlos Drummond, é mais praticada a agricultura.
- Hoje São Miguel, diferentemente da cidade retratada no poema, é bem maior e mais desenvolvida, possui, por exemplo, a caixa eletrônica, o Banco do Brasil, a lotérica, a rádio entre muitas outras coisas.

Semelhanças:

- Como no poema, os animais ainda podem andar livremente pelas ruas da nossa cidade, sem preocupação com a carrocinha ou algo do tipo.
- Atualmente, prevalece na cidade de São Miguel, assim como no poema a pobreza, levando as pessoas a migrarem para as cidades grandes em busca de melhores condições de vida.
- Da mesma forma que no poema, as pessoas gostam de observar a vida alheia, o que é muito comum nas pequenas cidades.
- A vida em São Miguel é muito pacata, como na cidade de Drummond, e não tem muitas opções de lazer.

Nesse contexto, os alunos cumpriram o objetivo pretendido, percebendo a aproximação, através de aspectos variados, entre o poema ora analisado e a cidade de São Miguel para, logo após, construíram um novo texto baseado nessa analogia. Portanto, para nós, é cabível pensar no texto não apenas como pretexto para atividades de exploração gramatical, como constructo formal, acabado, mas sim, pensar no texto como detentor de possibilidades de releituras possíveis.

Koch; Bentes e Cavalcante (2008) destacam que toda e qualquer retextualização de um texto prévio implica uma mudança em sua força ilocucionária e conseqüentemente no efeito que causará no leitor. Assim sendo, no momento em que, o aluno constrói um texto amparado nos conhecimentos de textos anteriores, produz um novo texto, com nova intencionalidade discursiva. O propósito comunicativo do poema de Carlos Drummond de Andrade é visivelmente diferente da letra da música de Zé Ramalho ou mesmo das imagens observadas da cidade de São Miguel RN, contudo, partindo do ponto de vista de Koch; Bentes e Cavalcante (2008), no instante em que o aluno promove essa aproximação por aspectos que se assemelham ou se afastam, confere a esse novo texto, um novo propósito enunciativo, um novo valor ilocucionária e também, conseqüentemente um novo efeito perlocucionário.

Desse modo, faz-se aqui pertinente o comentário de Cavalcante (2013), no momento em que destaca que a produção de um novo texto demanda a ativação de conhecimentos adquiridos através de textos anteriores a ele e, sendo assim, nenhum texto poderá ser tomado de maneira isolada, desvinculado de outro.

Koch e Elias (2012) destacam que o texto é um evento sociocomunicativo que ganha existência dentro de um processo interacional. Partindo desse princípio, é que se constitui um de nossos principais objetivos: promover a contínua interação autor/texto/leitor/contexto/compreensão/retextualização. Dessa forma, entendemos que o(s) sentido(s) de um texto só poderá (ão) ser depreendido(s), a partir do momento em que consideramos a necessidade de mais do que meramente o conhecimento linguístico comum entre os interlocutores, mais o compartilhamento de estratégias tanto de ordem linguística como também de ordem cognitiva, discursiva e pragmática. É dessa forma que Koch e Elias (2013) sintetizam a discussão acerca da compreensão dos sentidos do texto, objetivando estabelecer uma conexão entre as teorias sobre texto e leitura e a prática pedagógica cotidiana com esses domínios linguísticos.

Nessa perspectiva, em consonância com as autoras supracitadas, destacamos que o sentido de um texto só será devidamente compreendido, a partir do momento em que o leitor, amparado nas pistas que o próprio texto oferece, ativar o seu conhecimento enciclopédico e interacional numa busca que perpassa o que se encontra NO texto para o que está em torno dele, atentando sempre para o que Koch e Elias (2013) destacam sobre não se voltar à busca *do* sentido do texto, mas de *um* sentido para ele.

Assim, estabelecendo comparações, construindo e reconstruindo leituras e sentidos possíveis, o aluno vai construindo sua textualidade, ampliando seu repertório linguístico e, por conseguinte, vai, aos poucos, se afastando da passividade em que se encontra enquanto leitor ao passo que autopromove sua inserção no universo de leituras possíveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, foram exploradas as leituras possíveis com o poema *Cidadezinha qualquer*, de Carlos Drummond de Andrade. Para promover o desenvolvimento da percepção e visibilidade textual dos participantes, pedimos ainda que eles construíssem relações intertextuais. A análise a qual nos propusemos fazer acerca de algumas concepções e objetivos que norteiam a experiência de leitura dos alunos nos permite conceber tal prática como um processo que envolve várias estratégias sobre o qual se têm várias concepções. Desse modo, a leitura precisa ser concebida como um “instrumento de aprendizagem, informação e deleite” como nos propõe Solé (1998), principalmente na escola, onde seu ensino deve considerar tal constatação, para que não se restrinja apenas a “imposição” de leituras com base num único objetivo, como por exemplo, o de obter informação ou para aprender.

Em meio ao exposto, não podemos deixar de considerar que com as mudanças sociais e tecnológicas atuais, diversificam a maneira de disponibilizar e compartilhar informações, como também de ler e produzi-las. Com isso, a escola não pode ficar alheia à realidade textual presente nos discursos produzidos e consumidos em sociedade. Cabe-nos atentar para a necessidade de se pensar o ensino de leitura tendo em vista todos os objetivos necessários para melhor realizá-la, o que também não deve partir só do professor. O próprio aluno pode buscar outras leituras que se mostram a sua disposição em jornais, revistas ou oferecidas na própria biblioteca escolar, como faz a maioria dos alunos consultados em nosso trabalho, não se restringindo apenas às leituras recomendadas ou exigidas pelo professor, mas

buscando, por si só, incrementar o seu repertório de leituras e conseqüentemente o seu repertório linguístico.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

CAVALCANTE, M.M., **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, I.V.; BENTES, A.C.; CAVALCANTE, M.M., **Intertextualidade**: diálogos possíveis. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Art Mid, 1998.

CORACINE, M. J. R. F. Concepções de leitura na (pós) modernidade In: LIMA, Regina Célia de Carvalho Paschoal. **Leitura: múltiplos olhares**. Campinas –SP: Mercado de Letras; São João da Boa Vista –SP: UNIFEQB, 2005.